

Para além da linguagem: a disseminação da escritura

O transbordamento da linguagem

Logo no início de *Gramatologia*, Derrida nos fala de um *transbordamento* do conceito de linguagem que não estaria mais dando conta de tudo o que, há mais ou menos vinte séculos, foi reunido sob ele. E afirma que uma ideia de *escritura* estaria indo além da própria noção de linguagem, compreendendo-a e excedendo-a.

Poderíamos dizer que o *quase-conceito*¹ de *escritura* em Derrida funciona como linha-mestra do pensamento da desconstrução, mesmo que, como veremos ao longo dessa dissertação, não se possa mais, a partir desta noção, falar em centros organizadores do pensamento. Pelo contrário, esta noção de *escritura* vem justamente abalar as certezas que se estabelecem como fundamentos naturais ou universais que, segundo Derrida, enclausuram o pensamento. Mas seguiremos cuidadosamente o desenvolvimento desta noção alargada de *escritura* em *Gramatologia*.

Por enquanto é importante entender de que forma este “ultrapassamento” da linguagem pela *escritura* é sugerido por Derrida. Em primeiro lugar, é preciso marcar que este “ultrapassamento” não é proposto pelo filósofo franco-magrebino, mas apenas constatado por ele a partir da observação de um estranho movimento que parece se dar em torno do signo “linguagem”. A constatação de que o tema da linguagem é o mais discutido do século XX, de que ele nunca, “tanto como hoje, invadira como tal o horizonte mundial das mais diversas pesquisas e dos discursos mais heterogêneos em intenção, método e ideologia”², deixa ver um excesso de “sentido” que não se contém mais nos limites de seu conceito tradicional. Esse transbordamento permite enxergar aquilo que Derrida identifica como a clausura metafísica do pensamento em que o conceito clássico de linguagem está inscrito.

¹Derrida usa o termo ‘quase-conceito’ para mostrar a impossibilidade do pensamento ser organizado em conceitos fechados em si mesmos, homogêneos, auto-idênticos, abalando a lógica do próprio pela qual todo conceito se constitui.

²DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 7.

Derrida reconhece no conceito tradicional de linguagem um rebaixamento da escritura em relação à fala que marca todo o pensamento ocidental. Segundo o filósofo, este rebaixamento seria mesmo o fundamento em que toda a lógica do pensamento metafísico estaria ancorada, pois o que se encontra aí como base é um privilégio concedido ao *logos* que comanda toda hierarquia das oposições binárias pelas quais o pensamento metafísico opera. Este privilégio do *logos* justifica o privilégio da fala em toda filosofia ocidental pois sempre se reconheceu nela uma ligação direta com o sentido, sua expressão primeira. Este reconhecimento marca a característica *fonologocêntrica* daquilo que Derrida chama de *metafísica da presença*, isto é, de um pensamento dualista que fundamenta a hierarquia entre os termos opostos com base numa suposta presença do sentido. Em outras palavras, o sentido se faria sentir mais presente ou mais próximo de um dos termos da oposição, garantindo, portanto, sua superioridade em relação ao outro termo do qual ele estaria ausente ou mais afastado. De acordo com esse privilégio que une a voz diretamente ao *logos*, a escrita fica relegada a mera sub-espécie da fala, apenas a uma forma de representação da linguagem falada, isto é, ela fica marcada por uma derivação e uma secundariedade que proporcionam sua redução fonética, assim, o conceito metafísico de linguagem fica restrito à perspectiva de uma escritura simplesmente fonética, a um meio de representação da linguagem falada.

Mas o excesso de discursos que se produz sobre o tema da linguagem no século XX, começa a se mostrar como uma crise em torno da redução fonética deste conceito e, também, como o sintoma desta época que, paradoxalmente, parece querer determinar como "linguagem" a totalidade de seu horizonte problemático:

tudo o que o desejo quisera subtrair ao jogo da linguagem é retomado neste, mas apenas porque, simultaneamente, a linguagem mesma acha-se ameaçada em sua vida, desamparada, sem amarras por não ter mais limites, devolvida à sua própria finitude no momento exato em que seus limites parecem apagar-se, no momento exato em que o significado infinito que parecia excedê-la deixa de tranquilizá-la a respeito de si mesma, de contê-la e de cercá-la.³

Nesse sentido, podemos entender o projeto gramatológico como uma denúncia do rebaixamento da escritura e, assim, da clausura do pensamento metafísico e de suas características *fonologocêntricas*. Veremos como a

³DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 7.

desconstrução deste rebaixamento é também a desconstrução dos pilares que sustentam a *metafísica da presença*, problematizando, assim, noções caras ao pensamento ocidental em geral, como a ideia de origem, de essência, de unidade e de totalidade de qualquer conceito.

O sintoma desta época da metafísica da presença, que se mostra na forma do *transbordamento* do conceito de linguagem, é a constatação "da incapacidade da língua (fonética) de dar conta deste *transbordamento*"⁴, mostrando a necessidade de uma desconstrução do domínio do *logos* no pensamento e a irrupção de uma nova noção de escritura que faça justiça ao excesso de discursos que têm se produzido sobre essa questão. Como nos explica Haddock-Lobo:

ao denunciar esta inadequação do conceito de linguagem - apresentando um quase-conceito de escritura -, não se pretende que este quase-conceito seja 'adequado' àquilo que a 'linguagem' não dá mais conta, mas sim que a 'escritura' anuncie certa emancipação da necessidade de adequação em nome de um fazer justiça que excede a linguagem e que nunca será *adequado*, em nenhuma das acepções deste termo.⁵

E é nesse sentido, portanto, que podemos entender a ideia de escritura derridiana ultrapassando o conceito de linguagem tradicional. Nas palavras de Derrida:

Não é por acaso que esse transbordamento sobrevém no momento em que a extensão do conceito de linguagem apaga todos os seus limites. Como veremos: esse transbordamento e esse apagamento têm o mesmo sentido, são um único e mesmo fenômeno. Tudo acontece como se o conceito ocidental de linguagem (...) se revelasse hoje como a forma ou a deformação de uma escritura primeira: mais fundamental do que a que, antes desta conversão, passava por mero 'suplemento da fala' (Rousseau)"⁶

Desta forma, podemos entender o projeto gramatológico como o próprio pensamento da desconstrução, pois este ensaio que tem a fama de ser o mais importante da obra de Derrida, vem anunciar esse transbordamento fundamental que deixa aparecer esta nova ideia de escritura que libera o pensamento para além de sua clausura metafísica. *Gramatologia*, portanto, focando-se no problema da redução fonética da escritura na história do pensamento ocidental, anuncia o

⁴ HADDOCK-LOBO, R. *Derrida e o labirinto de inscrições*. p. 53.

⁵ HADDOCK-LOBO, R. *Derrida e o labirinto de inscrições*. p. 69.

⁶ DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 8 -9.

pensamento da desconstrução de uma forma geral, pois mostra como esta redução fonética da linguagem esconde uma redução metafísica do pensamento como um todo. E, além disso, apresenta de forma precisa *quase-conceitos* de extrema importância para a leitura da obra de Derrida. Podemos mesmo dizer que a ideia de escritura apresentada aqui é a própria possibilidade da desconstrução, ou melhor, a própria possibilidade do pensamento, pois segundo Derrida, o pensamento não é a expressão de um sentido que existe dado anteriormente, mas, ao contrário, o sentido só pode se constituir a partir da própria possibilidade da inscrição.

Como veremos com cuidado no segundo capítulo dessa dissertação, a primeira parte de *Gramatologia* se desenvolve, principalmente, como a desconstrução do conceito metafísico de signo e, de acordo com Arthur Bradley, isto se dá porque Derrida coloca a questão do signo como um ponto de entrada privilegiado à lógica da metafísica como um todo: "A teoria logocêntrica do signo é, como veremos, baseada sobre uma oposição entre o que chamamos hoje de 'significante' e 'significado'. Esta oposição nos leva a uma rede alargada de oposições que compreendem a metafísica inteira."⁷ Derrida diz que a "inflação do signo 'linguagem' é a inflação do próprio signo, a inflação mesma. Contudo, por uma face ou sombra sua, ela ainda faz signo."⁸ Isto é, há algo na estrutura do signo que hoje nos permite pensar a desconstrução de sua teoria logocêntrica, abrindo-nos a possibilidade de enxergar uma ideia alargada de escritura que se mantinha reprimida pela restrição da forma metafísica de pensar. Derrida prossegue explicando que:

deixando de designar uma forma particular, derivada, auxiliar de linguagem em geral (...), deixando de designar a película exterior, o duplo inconsistente de um significante maior, o significante do significante - o conceito de escritura começava a ultrapassar a extensão da linguagem.(...) Não que a palavra 'escritura' deixe de significar o significante do significante, mas parece, sob uma luz estranha, que o 'significante do significante' não mais define a reduplicação acidental e a secundariedade decaída. 'Significante do significante' descreve, ao contrário, o movimento da linguagem: na sua origem, certamente, mas já se pressente que uma origem, cuja estrutura se soletra como 'significante do significante' , arrebatada-se e apaga-se a si mesma na sua própria produção. O significado funciona aí desde sempre como um significante. A secundariedade, que se acreditava poder reservar à escritura, afeta todo significado em geral (...). Não há significado que escape, mais cedo ou mais tarde, ao jogo das remessas

⁷BRADLEY, A. *Derrida's of grammatology*. p. 14.

⁸DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 7.

significantes, que constitui a linguagem. (...) Isto equivale, com todo o rigor, a destruir o conceito de 'signo' e toda a sua lógica.⁹

Este abalo do conceito *logocêntrico* do signo reflete seus tremores por toda a forma de pensar da *metafísica da presença*. Veremos especificamente no capítulo seguinte o caminho que Derrida percorre para afirmar como todo significado encontra-se desde sempre em posição de significante, ou melhor, para usar o vocabulário de Derrida, como tanto o significante como o significado estariam na posição de *rastros*, adquirindo sentido apenas dentro de uma cadeia de significação. É importante notar na longa citação acima como esta desconstrução do conceito tradicional do signo faz romper com a idéia de origem que orienta e comanda o pensamento ocidental. Este rompimento com a idéia de origem explica a noção de escritura derridiana. Todo o esforço do pensamento inicial de Derrida gira em torno deste rompimento que estamos vendo aqui a partir da inflação do conceito de linguagem e de seu ultrapassamento pela escritura. A escritura assume um pensamento que não remete mais a um centro, que não conta com a presença de um *significado transcendental*¹⁰ para norteá-lo, ou seja, um significado que exista em si mesmo, independente de se encontrar referido por uma linguagem ou por uma estrutura de significação. Em outras palavras, a escritura é a denúncia de que todo significado não passa de um significante que em determinado momento apenas assume o efeito de significado, é a constatação de que não se pode sair de uma remessa sem fim de significante a significante e, nesse sentido, podemos reconhecer o advento da escritura como o advento do jogo, sendo impossível encontrar um lugar fora dele de onde se possa regular essa remessa sem fim. Nas palavras de Derrida:

O jogo entrega-se hoje a si mesmo, apagando o limite a partir do qual se acreditou poder regular a circulação dos signos, arrastando consigo todos os significados tranqüilizantes, reduzindo todas as praças-fortes, todos os abrigos de fora-do-jogo que vigiavam o campo da linguagem.¹¹

⁹ DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 8.

¹⁰ Sobre o significado transcendental citamos Derrida: "... daquilo que propus chamar de 'significado transcendental', o qual, em si mesmo, em sua essência, não remeteria a nenhum significante, excederia à cadeia dos signos, e não mais funcionaria, ele próprio, em um certo momento, como significante". DERRIDA, J. *Posições*. p. 25.

¹¹ DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 8.

Desse modo, podemos pensar a desconstrução como o jogo da escritura, como a assunção da falta de um significado maior que regule e garanta todo discurso, de fora do jogo. E é nesse sentido também que devemos entender o título do primeiro capítulo de *Gramatologia*, “O fim do livro e o início da escritura” com uma certa ironia, já que, problematizando, justamente, a noção de origem, Derrida nos fala da impossibilidade tanto de rastrear o início como também de decretar o fim do que quer que seja, pois este gesto de rastreamento da origem seria típico da operação metafísica do pensamento cuja desconstrução está sendo constatada aqui. “O fim do livro e o início da escritura” de que fala Derrida aponta para a liberação desta idéia alargada de escritura que assume a irreduzível disseminação do sentido que não pode se conter nos volumes de um livro. A unidade do livro, aqui, diria respeito ao controle do *logos* sobre o que se escreve, isto é, diria respeito à redução fonética da escritura, a uma escritura que representa uma suposta fala plena. “O fim do livro”, então, estaria anunciando uma “morte da fala”, de uma fala que se pretende plena. Mas é importante entender que Derrida não está decretando a morte de nada, nem da fala, nem do livro, como se poderia supor de uma atitude ingênua que pretendesse sair da metafísica para criar uma nova arquitetura. A “morte da fala” aqui é dita metaforicamente para se pensar em sua nova situação numa “estrutura” em que ela não será mais o centro. Essa nova situação é a abertura, é uma mutação na história da escritura, ou como aponta Derrida na “história como escritura”. Até porque o filósofo nos lembra da eficácia que a morte carrega e que essa atitude só poderia, de forma tola, reafirmar um desejo metafísico. Derrida não supõe a possibilidade de ultrapassamento da metafísica, como nos explica Bradley:

Derrida não propõe que nós possamos simplesmente superar os assuntos logocêntricos ou metafísicos. Nós não podemos simplesmente estabelecer uma nova teoria ou um novo sistema de conhecimento mais preciso para substituir a metafísica da presença. Se a obra de Derrida é uma dura interrogação da metafísica, permanece o fato de que ele é profundamente cético em relação a qualquer tentativa de ir 'além' dela pela simples razão de que nós não temos nenhuma forma de pensar, de falar ou de escrever que não seja dominada pela tradição metafísica. (...) Rejeitar a metafísica, de pronto, é, em outras palavras, rejeitar a própria linguagem e o próprio pensamento.¹²

¹² BRADLEY, A. *Derrida's of grammatology* p.10

É preciso, então, entender a desconstrução não como uma alternativa à metafísica, como algo que pretenda se localizar fora dela ou decretar seu fim, mas como o reconhecimento de suas clausuras e como a assunção de suas brechas e contradições na tentativa de transbordamento de seus limites, de seus contextos, de seus horizontes.

O duplo gesto da desconstrução

Enxergar a tensão e o conflito que operam nas estruturas conceituais metafísicas é essencial para se entender o “gesto desconstrutivo”. A desconstrução pode ser vista como o abalo que acontece dentro de um sistema conceitual que até então se manteve estabilizado em suas oposições, com lugares definidos para cada termo. Mas segundo Derrida, é impossível que um sistema, dentro do qual haja um conflito, se mantenha estável para sempre com as mesmas forças operando dentro dele. Uma vez que se percebe que a universalidade dos conceitos, que a estabilidade e a coerência de tais estruturas não podem se dar sem a violência de uma imposição hierárquica, pode-se deduzir que em algum momento, algum tipo de perturbação irá necessariamente ocorrer dentro da estrutura ou do sistema. Essa perturbação ocorre na medida em que o termo antes rebaixado se liberta, tornando possível que se olhe pra ele de uma forma diferente e se questione a idealidade de tal sistema em sua pretensão de se perpetuar enquanto tal.

Essa perturbação diz respeito, portanto, a uma necessidade estrutural, devido ao caráter construído ou instituído do sistema, e não a algo que Derrida deseje ou almeje com seu pensamento ou com a aplicação de um suposto ‘método desconstrutivo’ ”¹³

A necessária perturbação das estruturas conceituais afirma-se como uma convocação ao pensamento derridiano que, a partir do abalo de suas pretensas sólidas bases, quer se colocar como uma incessante vigília crítica em relação a esta pretensão de verdade de todo conceito. Derrida insiste no fato de que os sentidos são sempre instituídos, eles não são nunca naturais ou neutros e o pensamento desconstrutivo põe em evidência uma relação paradoxal que sempre

¹³DUQUE-ESTRADA, P. C. *Jacques Derrida – Primeiros passos: da linguagem à escritura*. p. 51.

há entre, por um lado, a configuração do sentido e, por outro, o necessário colapso ou perturbação do “como tal” do sentido instituído.

Em relação à perturbação do sentido, Derrida vai chamar a atenção para dois momentos que caracterizam o movimento da desconstrução e que podem ser entendidos como uma espécie de estratégia geral: o momento de *inversão* e o momento de *deslocamento*. Esse “duplo gesto desconstrutor” pretende romper com o binarismo das oposições conceituais abrindo o pensamento para a alteridade, para o novo, isto é, não apenas para o que esteve rebaixado sob o estigma de derivado em relação a um termo original, mas também para tudo aquilo que ficou de fora da lógica interna que rege as oposições binárias conceituais de um pensamento.

Num primeiro momento, que não deve ser tomado como anterior cronologicamente, deve-se passar por uma fase de inversão das posições que, até então, os termos ocupavam no interior de um edifício conceitual. Em uma das entrevistas do livro *Posições*, Derrida insiste na necessidade de se passar por essa fase:

Fazer justiça a essa necessidade significa reconhecer que, em uma oposição filosófica clássica, nós não estamos lidando como uma coexistência pacífica de um face a face, mas como uma hierarquia violenta. Um dos dois termos comanda (axiologicamente, logicamente etc.), ocupa o lugar mais alto. Desconstruir a oposição significa, primeiramente, em um momento dado, inverter a hierarquia. Descuidar-se dessa fase de inversão significa esquecer a estrutura conflitiva e subordinante da oposição. Significa, pois, passar muito rapidamente – sem manter qualquer controle sobre a oposição anterior – a uma neutralização que, praticamente, deixaria intacto o campo anterior, privando-se de todos os meios de aí intervir efetivamente.¹⁴

E, além disso, Derrida nos lembra que a palavra “fase” talvez não seja a mais rigorosa aqui, pois não se trata de uma fase cronológica, de um momento dado que depois pudéssemos esquecer para cuidar de outra coisa. Ele insiste que a necessidade dessa fase é estrutural, é a necessidade de uma análise interminável, pois a hierarquia da oposição binária sempre se reconstitui, portanto trata-se de uma vigília que não pode cessar.

Contudo, justamente porque a desconstrução não se reduz a uma mera inversão de conceitos, junto ao movimento de inversão opera-se um outro

¹⁴ DERRIDA, J. *Posições*. p. 48.

movimento que desloca o termo para um lugar onde ele não é mais visto apenas como sombra do seu oposto. Vemos, então, surgir um novo “conceito” que não está mais compreendido, ou que nunca esteve compreendido, no regime anterior.

O abalo provocado por este duplo gesto libera o pensamento de seu enclausuramento na hierarquia de uma certa estrutura conceitual, desmistificando sua suposta naturalidade e apontando para seu caráter instituído. Derrida nos lembra a importância de se perceber que todos os conceitos são construídos e, por isso, também, passíveis de serem desconstruídos. Não através de uma postura niilista que não veja sentido em nada, mas justamente por um respeito radical pelo sentido, segundo o qual não se pode deixar de interrogar, além do nível semântico, o modo pelo qual se constrói a estrutura “enquanto tal” de todo sentido. Nas palavras de Paulo Cesar Duque-Estrada:

Ele não está interessado na aquisição de novas identidades conceituais, no enriquecimento dos conceitos com novas camadas de sentido. Na verdade, o sentido não é a principal questão para Derrida, e não porque ele simplesmente o ignore, mas, pelo contrário, porque ele reconhece, todo o tempo, a necessidade de compreendê-lo da maneira mais rigorosa possível. É que ele reconhece também, e ao mesmo tempo, que o sentido, qualquer que seja, é sempre algo instituído: ele não é nunca natural, neutro, não é jamais algo dado, em si e por si, como tal.¹⁵

Paulo Cesar Duque-Estrada nos alerta para duas leituras equivocadas que a estratégia desconstrutiva de inversão e deslocamento pode acarretar e que devemos evitar por afastarem-se justamente do gesto derridiano. O primeiro equívoco seria supor que a inversão desconstrutiva seria apenas um intercâmbio entre as posições da fala e da escritura, conquistando, agora, para a escritura uma posição dominante em relação à fala, querendo manter essa nova dicotomia. A questão derridiana não pretende prolongar este universo metafísico de oposições binárias, a fase de inversão não está separada do deslocamento que ela proporciona aos conceitos. O segundo equívoco seria achar que Derrida se guia por uma lógica do aprofundamento. Como se a noção de escritura que ultrapassa a linguagem fosse um conceito mais original e autêntico, que já estivesse, de alguma forma, contido no outro, mas que não conseguíamos enxergar nisso que normalmente entendemos por escritura, pois este seria um conceito superficial que

¹⁵ DUQUE-ESTRADA, P. C. *Jacques Derrida – Primeiros passos: da linguagem à escritura*. p. 52.

ocultaria em si uma escritura mais originária. Como diz Duque-Estrada:

Se assim fosse, a tarefa pretendida por Derrida seria, de fato, a de um aprofundamento do sistema conceitual a que pertence este conceito supostamente superficial e já familiar de escritura. Um tal aprofundamento visaria então liberar, ou melhor, criar as condições apropriadas para a manifestação e recepção daquilo que, em tal sistema, houvesse de mais originário. Tal perspectiva, no entanto, é completamente estranha à desconstrução¹⁶

Como vemos, Derrida não está interessado na criação e fundamentação de novas estruturas conceituais. O alargamento da noção de escritura, que está sendo desenvolvido nesta dissertação, aponta justamente para esta impossibilidade. Aponta para uma disseminação do sentido, para uma maneira de pensar que se afasta das oposições binárias, aproveitando os tremores inerentes aos supostos conceitos universais para fazer o pensamento continuar pensando.

Numa das entrevistas em Posições, concedida a Jean-Louis Houdebine e Guy Scarpetta, Derrida opõe à idéia de polissemia a sua idéia de disseminação. A polissemia, através de sucessivos deslocamentos de um registro conceitual para outro, faz com que os conceitos adquiram novas identidades, apontando, como diz Duque-Estrada, para uma “derradeira síntese futura de todos os seus níveis semânticos. Uma síntese derradeira que venha restituir a plenitude de uma palavra integral”¹⁷. Ainda segundo Duque-Estrada, a polissemia põe em movimento uma saída de si, mas, ao mesmo tempo, coloca também um movimento de retorno a si, em direção à plenitude da palavra integral, numa dialética regulada pelo horizonte do mesmo. Por sua vez, a disseminação faz explodir o horizonte semântico, colocando em marcha um movimento que não apenas “rompe com o caminho de volta, mas com a própria idéia de matriz, introduzindo a diferença no interior do mesmo”¹⁸. A própria idéia de identidade fica abalada com a disseminação. Como aponta Duque-Estrada, remetendo a um texto de Derrida - *O monolinguismo do outro* - bem posterior à *Gramatologia*, tudo o que habitualmente chamamos por identidade se forma a partir de um abalo da identidade. A lógica da disseminação mostra um funcionamento paradoxal entre, por um lado, “a formação do sentido, ou mais precisamente do ‘auto’ da auto-identidade do sentido, e, de outro lado, o

¹⁶ Duque-Estrada, P.C. *Derrida e a escritura*. p. 10.

¹⁷ Duque-Estrada, P.C. *Derrida e a escritura*. p. 13.

¹⁸ Duque-Estrada, P.C. *Derrida e a escritura*. p. 14.

abalo deste mesmo ‘auto’ da identidade do sentido”¹⁹. Assim, aquilo que vem a formar uma identidade é o que já a desloca, já a abala, e é por isso que

não se pode falar aqui nem em identidade nem em não identidade, mas sim em um processo contínuo de ‘ex-apropriação’, de ‘alienação sem alienação’, de uma ‘propriedade (‘auto’) que jamais se perde e jamais se reapropria’ processo este que se repete ‘interminável, indefinidamente, fantasmático...’ e que Derrida chama de identificação”²⁰

Quando se fala que a desconstrução acontece, que ela está no mundo e que se coloca em movimento à revelia de qualquer suposto método desconstrutivo, é porque Derrida faz dessa fragilidade intrínseca a toda identidade, dos abalos internos a ela, o motor de seu próprio pensamento. É por isso que ele diz que todo texto carrega em si os recursos para sua própria desconstrução, a própria tradição já apresenta os elementos para desconstruir-se. A crise, o abalo, dentro das estruturas conceituais guiadas pela lógica do mesmo, é causada pelo ‘auto’ de toda identidade. O termo “identificação” denuncia o caráter provisório de toda identidade.

Dessa forma, não se pode falar na criação de novos conceitos a partir dessa escritura múltipla, desdobrada, deslocada e deslocante. A escritura derridiana não vai mais se apresentar como um conceito e nem querer criar novos conceitos, só se pode falar aqui em *quase-conceitos* que Derrida nomeia de *indecidíveis*. Nas palavras de Derrida, os *indecidíveis* são:

unidades de simulacro, ‘falsas’ propriedades verbais; nominais ou semânticas, que não se deixam mais compreender na oposição filosófica (binária) e que, entretanto, habitam-na, opõe-lhe resistência, desorganizam-na, mas sem nunca constituir um terceiro termo, sem nunca dar lugar a uma solução na forma da dialética especulativa”²¹

Podemos perceber, então, que com a liberação de uma ideia ampliada de escritura passamos a caminhar num terreno instável muito diferente daquele que a metafísica da presença pretende nos assegurar.

¹⁹ Duque-Estrada, P.C. *Derrida e a escritura*. p. 14.

²⁰ DUQUE-Estrada, P.C. *Derrida e a escritura*. p. 14-15.

²¹ DERRIDA, J. *Posições* p. 49.

Desconstrução das estruturas autocêntricas da metafísica da presença

Derrida identifica no pensamento ocidental um movimento que teria como objetivo a deformação e o confinamento da escritura numa função segunda e instrumental. Este movimento, como já vimos, pode ser identificado como a redução fonética da escritura, isto é, como um trabalho do *logos* operando sobre ela e promovendo seu recalçamento. Este trabalho do *logos* que restringe o conceito de escritura apenas a uma representação da fala, segundo o filósofo franco-magrebino, marca toda a história do pensamento ocidental desde o seu início até os dias de hoje tomando a forma do que se pode chamar de uma busca metafísica pela “presença”.

A escritura é vista pela tradição do pensamento ocidental apenas como tradutora de uma fala que se supõe plena e plenamente presente – “presente a si, a seu significado, ao outro”, isto é, ela é tida como uma “técnica a serviço da linguagem, porta-voz (*porte-parole*), intérprete de uma fala originária que nela mesma se subtrairia à interpretação”²². Portanto, o privilégio da voz no pensamento da tradição é visto por Derrida como a condição do tema da presença em geral: presença do sujeito a sua fala garantindo sua veracidade, presença do sentido à consciência (que em Husserl se dá na forma de um diálogo interior), presença do objeto (que garante a relação de intencionalidade).

No pensamento comandado pelo *logos*, a fala manteria uma proximidade e uma ligação natural com o sentido, seria um significante ligado diretamente ao significado. E essa conexão entre a voz viva e o sentido forma a unidade *phoné-logos* que constitui a essência da linguagem e que Derrida identifica como sua característica *fonologocêntrica*, pois prioriza-se

a fala (*phoné*) sobre a escritura (*gramme*) como o meio original ou privilegiado pelo qual a presença do *logos* é expressa. (...) Por um lado acredita-se que a fala é a expressão mais pura e imediata do pensamento, das intenções ou da ‘presença’ de quem fala: eu estou sempre ‘lá’ ou presente quando falo com alguém, por exemplo, e minhas intenções são comunicadas diretamente a eles sem nenhuma necessidade de uma ajuda intermediária. Por outro lado, contudo, a escritura é condenada a ser, no melhor dos casos, uma mediação, no pior, uma corrupção da presença pura da fala: eu obviamente não estou presente enquanto vocês lêem este livro, por isso ele possui uma vida independente que permite que ele seja lido independentemente de mim e até mesmo de minhas intenções.²³

²² DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 9.

²³ BRADLEY, A. *Derrida's of grammarology*. p. 8.

Portanto, nesta situação a escritura se apresenta como exterior à unidade formada pela voz e pelo sentido. Sendo apenas a representação da fala, uma técnica para fixá-la, fica relegada a um artifício, a um suplemento, a uma derivação, a um *significante de um significante*.

A lógica opositiva fundamentada pela pretensa presença de um significado transcendental é reafirmada de diferentes formas pela história do pensamento ocidental e parece justificar uma postura moralista de toda filosofia em relação à escritura, denunciando-a nos termos mais extremos e violentos como vazia, não confiável e aberta a más interpretações. Segundo Derrida, podemos perceber, desde Platão, uma atitude restritiva no que diz respeito a ela no intuito de proteger a linguagem da ameaça que ela representa. Encontramos em *Gramatologia* a acusação desta postura em diversos pensadores começando por Platão num caminho que passa por Aristóteles, Rousseau, Hegel, Husserl, até chegar a Heidegger e Saussure. Mas aqui apenas nos limitaremos a apontar ligeiramente esta denúncia derridiana no intuito de esclarecer o caráter *fonocêntrico* que o filósofo atribui à história da metafísica. Com exceção de Saussure, cuja teoria linguística dedicamos uma leitura mais detalhada no segundo capítulo desta dissertação, apenas indicaremos algumas chaves da leitura derridiana sobre alguns desses filósofos apontados em *Gramatologia*.

Quanto a Platão, o filósofo franco-magrebino aponta diversas vezes, ao longo de *Gramatologia*, este traço fonocêntrico de sua obra, mas é importante lembrar que Derrida desenvolve melhor esta relação entre fala e escritura na obra de Platão em outro ensaio intitulado "A farmácia de Platão" que expõe, a escritura como um *Pharmakon*, isto é, algo que seria, ao mesmo tempo, um veneno e um remédio. A ideia do *Pharmakon* em Platão é muito importante na obra de Derrida e funciona mesmo como um *indecidível* derridiano, mas é importante lembrar que esta leitura platônica já se dá no caminho da desconstrução do conceito tradicional da escritura, pois o *Pharmakon* ganha importância em Derrida justamente por denunciar, talvez, uma falta de cuidado da tradição na leitura de Platão, pois este caráter *indecidível* do *Pharmakon*, sublinhado por Derrida, nunca foi muito ressaltado na filosofia, geralmente ele é traduzido simplesmente como um veneno, revelando apenas uma de suas faces. De qualquer forma, ele mostra a preocupação de Platão com o poder da escritura corromper a pureza da fala.

Segundo Platão, a invenção da escritura traria consigo o perigo do esquecimento, a memória viva ficaria ameaçada pelo auxílio de um lembrete auxiliar. Não sendo mais preciso recorrer à memória viva depois da técnica da notação, ela correria o risco de desaparecer, sendo substituída por uma técnica vazia que apenas dissimula a presença do *logos*, por um recurso exterior que aniquila a memória interna. Comparada à fala, a escritura é vista, portanto, como vazia e enganadora, orfã que não conta com a presença de um "pai" para garantir sua verdade. Com respeito à autoridade de um pai que garante a veracidade do discurso, Derrida lembra também o aspecto *falocêntrico* da metafísica, pois "a voz da verdade é sempre a voz da lei, de Deus, do pai. Virilidade essencial do *logos* metafísico."²⁴ Na "Farmácia de Platão", Derrida diz que o sujeito falante é o pai de sua fala (...). o *logos* é um filho, então, e um filho que se destruiria sem a presença, sem a assistência presente de seu pai (...) que responde por ele e dele. Sem seu pai ele é apenas, precisamente, uma escritura."²⁵

Em Aristóteles também fica explicitada a exterioridade e a secundariedade da escritura. Derrida cita Aristóteles: "Os sons emitidos pela voz são os símbolos dos estados da alma e as palavras escritas os símbolos das palavras emitidas pela voz".²⁶ Na visão de Aristóteles a voz mantém com a alma uma relação de proximidade essencial e imediata. Produtora dos primeiros símbolos, ela não é um significante qualquer, ela significa o "estado de alma" que reflete as coisas por semelhança natural. Dessa forma, entre a alma e o discurso haveria uma relação de simbolização convencional, mas uma convenção primeira que se produziria numa ordem de significação natural e universal da linguagem falada. A linguagem escrita fixaria convenções, seria apenas a fixação da linguagem falada, mantendo uma ligação artificial com o significante primeiro, confirmando sua estrutura de *significante do significante*.

Quanto a Rousseau, Derrida dedica toda a segunda parte de *Gramatologia* a uma análise da posição da escritura em sua obra, cuja relação com a fala refletiria a oposição entre natureza e cultura. Não chegaremos a discutir nesta dissertação a segunda parte de *Gramatologia*, mas é importante marcar que Derrida também denuncia o caráter *fonocêntrico* da obra do iluminista francês que

²⁴ DERRIDA *apud* DUQUE-ESTRADA. P.C. *Derrida e a escritura*. p. 17

²⁵ DERRIDA, J. *A farmácia de Platão*. p. 22

²⁶ ARISTÓTELES *apud* DERRIDA. *Gramatologia*. p. 13

vê na escritura um suplemento da fala.

Podemos dizer que a relação de Derrida com Husserl também se desenvolve a partir da denuncia do privilégio da voz e do consequente rebaixamento da escritura. Derrida dedica a este tema em Husserl um importante ensaio intitulado "A voz e o fenômeno", publicado no mesmo ano de *Gramatologia* (1967) e que Derrida diz ser o ensaio pelo qual talvez tenha maior apego²⁷. Não é possível fazer aqui uma análise detalhada da leitura derridiana de Husserl, mas para resumir em pouquíssimas palavras no pensamento do fenomenologista o entendimento teria a estrutura de um ouvir, isto é, de um privilégio da voz, a consciência funcionaria na forma de um monólogo interior na relação consigo mesma.

Com relação a Heidegger, Derrida mostra uma posição mais ambigua do filósofo alemão no que diz respeito a estes centrismos. Por um lado, ao procurar se inscrever fora da metafísica, o pensamento ontológico heideggeriano ecoa muitas de suas clausuras. Sabe-se que o filósofo alemão é uma das maiores influências no pensamento de Derrida, mas num certo sentido, poderíamos dizer que Derrida se assemelharia mais a uma postura nietzschiana. Derrida salva Nietzsche de uma leitura heideggeriana que o coloca como mero inversor da metafísica. O duplo gesto derridiano da inversão e do deslocamento é, em grande parte, herdado de Nietzsche, pois Derrida vê na inversão nietzschiana (ao contrário de Heidegger) um movimento que também já é deslocante. Segundo Derrida, Nietzsche contribuiu poderosamente para libertar o significante de sua dependência e derivação com relação ao sentido e à verdade:

A leitura e portanto a escritura, o texto, seriam para Nietzsche operações 'originárias' (...) com respeito a um sentido que elas não teriam de transcrever ou de descobrir inicialmente, que portanto não seria uma verdade significada no elemento original e na presença do *logos*...²⁸

Como previne Derrida, Nietzsche não se deixaria compreender de modo ontológico, "é impossível desconhecer mais a virulência do pensamento nietzschiano"²⁹ pois ele se dá para além de qualquer compreensão do ser.

²⁷ DERRIDA, J. *Posições*. P.11

²⁸ DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 23

²⁹ DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 23

Assim, Derrida aponta, num primeiro momento, uma postura de Heidegger que, ao invés de abalar a instância do *logos*, estaria reafirmando-a, já que a verdade do ser apareceria como um *primum signatum* ou, nos termos de Derrida, um *significado transcendental*. Significado este, cuja existência seria necessária para garantir uma diferença absoluta e irreduzível entre significado e significante, ou, no idioma de Heidegger, entre ser e ente. Além disso, Derrida nos lembra um aspecto *fonologocêntrico* inerente ao pensamento do ser, remetendo-o diretamente à tematização de Husserl sobre a voz interior no monólogo da consciência consigo mesma. No caso de Heidegger é na voz que o pensamento do ser se apresenta por excelência, no chamado do ser:

A voz ouve-se - isto é, sem dúvida, o que se denomina a consciência - no mais próximo de si como o apagamento absoluto do significante: auto-afeção pura que tem necessariamente a forma do tempo e que não toma emprestado fora de si, no mundo ou na 'realidade', nenhum significante acessório, nenhuma substância de expressão alheia a sua própria espontaneidade.³⁰

A experiência de um monólogo interior em Husserl, que se reflete também na voz do ser em Heidegger, é vista por Derrida como a experiência do apagamento do significante na voz, como se o significado pudesse produzir-se a si mesmo sem a contaminação de uma exterioridade. Seria a produção espontânea de um significado completamente independente do significante. Esse apagamento do significante na voz constitui a condição da ideia mesma de verdade: o significado gerando-se espontaneamente de dentro de si no elemento da idealidade e da universalidade, no caráter não mundano dessa substância de expressão.

Mas é de extrema importância dizer que se Derrida aponta tão claramente este aspecto *fonologocêntrico* no pensamento de Husserl e, num primeiro momento, no de Heidegger, é para em seguida afirmar que a situação heideggeriana é muito mais complexa e ambígua em relação à metafísica da presença e ao logocentrismo. Derrida diz que o pensamento de Heidegger está compreendido nestes, ao mesmo tempo que os transgride, e que seria impossível fazer essa partilha pois para Heidegger

³⁰DERRIDA, J. *Gramatologia*. P. 24.

o sentido do ser não é nunca simples e rigorosamente um 'significado' (...) isto quer dizer que o ser escapa ao movimento do signo, proposição que tanto se pode entender como uma repetição da tradição clássica quanto como uma desconfiança face a uma teoria metafísica ou técnica da significação.³¹

Com estes exemplos, acreditamos já ser possível perceber em que sentido caminha a denúncia derridiana do rebaixamento da escritura na história da metafísica ocidental, mas além deste *fono-falo-logocentrismo*, Derrida também aponta outros centrismos característicos do pensamento metafísico que não podem ser dissociados destes. O rebaixamento da escritura fonética também deixa ver um *etnocentrismo* e um *antropocentrismo*. Derrida mostra como tanto um como o outro estão totalmente vinculados à questão do privilégio da voz no pensamento, pois a escritura como fixação da fala só pode se dar a partir de um modelo fonético, que exclui todas as outras formas de escrita no mundo que não passam pela mediação do som, como por exemplo, os hieróglifos chineses, ou qualquer outra escrita pictográfica, em que não é necessária a mediação do som na ligação com o sentido. Mas é apenas sobre a escritura fonética - a escritura que se limita a fixar, a representar os sons emitidos pela voz, a escritura do alfabeto grego, por exemplo - que o pensamento ocidental parece se debruçar, pensando-a como uma escritura universal, impondo-a ao mundo inteiro como *telos* da escritura. Derrida chega mesmo a dizer, na abertura de *Gramatologia*, que o *logocentrismo* é a forma mais poderosa e mais original de um *etnocentrismo* que está hoje “em vias de se impor ao planeta e que comanda, numa única e mesma ordem: 1) o conceito de escritura (...); 2) a história da metafísica (...); 3) o conceito da ciência ou da cientificidade da ciência.”³²

Além disso, Derrida ainda aponta um forte *antropocentrismo* no conceito restrito de escritura que caracteriza o pensamento metafísico. Esta visão exclui uma noção mais vasta da escritura como fixação de qualquer marca, como instituição durável de qualquer signo. O conceito de escritura sempre foi considerado pelo pensamento logocêntrico uma capacidade exclusivamente humana e que, inclusive, serviu para justificar diferenças mesmo entre os homens, classificando alguns povos como "inferiores" por acreditar serem "sem escritura".

³¹DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 28.

³²DERRIDA, J. *Gramatologia* p. 4

Mas a emancipação da escritura, a *inversão* e o *deslocamento* de sua subordinação, propostos por uma leitura desconstrutiva a partir da tradição, deixa tudo aparecer de outra maneira: “tudo ocorre, portanto, como se o que se denomina linguagem apenas pudesse ter sido, em sua origem e em seu fim, um momento, um modo essencial mas determinado, um fenômeno, um aspecto, uma espécie de escritura.”³³ A liberação de uma ideia ampliada da escritura proposta por Derrida é consequência de uma leitura que deixa ver as pretensas sólidas bases que sustentam o pensamento metafísico:

desconstrução não é algo que a gente faz com um texto de fora tanto quanto algo que nós revelamos sobre o modo como cada texto é construído internamente (...) é menos o nome de uma ferramenta ou instrumento que nós aplicamos a um texto do que uma básica condição de todo texto.³⁴

O questionamento da presença de um *significado transcendental* que exista em si mesmo, independente de qualquer mediação provoca uma torção na oposição metafísica entre fala e escritura que permite que tudo seja visto de outra forma. Não que se pretenda apenas inverter as ordens de importância entre a fala e a escritura garantindo, agora, para esta última uma superioridade antes não reconhecida. O alargamento do conceito de escritura se dá a partir da posituação das mesmas características que o pensamento metafísico atribui a ela e do reconhecimento da extensão dessas características a toda linguagem. Como veremos mais detalhadamente no próximo capítulo, esta torção desloca o conceito de escritura para um outro lugar, ampliando-o, radicalizando-o e tornando possível reconhecer, agora, na própria fala uma espécie de escritura ao assumir a condição de mediação, isto é, de *significante do significante*, de todo signo. Enxergamos, então, como o compromisso metafísico com a fala depende de uma contradição fundamental: o caráter de mediação que a tradição metafísica costuma atribuir apenas à escritura é reconhecido como condição de toda linguagem.

Como já sugerimos acima, podemos perceber que a desconstrução não se posiciona contra o pensamento metafísico como se ele devesse ter se desenvolvido de outra forma, mas coloca-se como o abalo da base de suas estruturas autocêntricas que refletem a crença na possibilidade de um conceito próprio, homogêneo, auto-idêntico, que exista independente de qualquer

³³DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 10.

³⁴BRADLEY, A. *Derrida's of grammarology*. p. 43.

mediação. Em outras palavras, a desconstrução problematiza a possibilidade da relação a si, da propriedade de todo conceito que não leva em conta o caráter mediado a que toda significação está submetida. O sistema autocêntrico da metafísica não reconhece a alteridade pressuposta em toda relação e segue tentando abafar esta alteridade, esta diferença inerente a todo conceito. Como nos explica Bradley:

Para Derrida, então, o processo de leitura não é uma questão de ativamente desconstruir o logocentrismo tanto quanto o de mostrar que a metafísica da presença está já em processo do que poderíamos chamar de auto-desconstrução desde quando ela possui um 'auto'. (...) o que chamamos desconstrução é o nome para uma instabilidade estrutural ou de fundamento, na qual, apesar de parecer o oposto, toda metafísica se ergue.³⁵

Em outras palavras, a postura da desconstrução em relação ao logocentrismo não o apresenta como se ele fosse errado, como se nós pudéssemos, agora, deixar a história logocêntrica para trás para partirmos para algo melhor. Mas o oposto, esta história é fundamental, pois ela é a própria história da filosofia. Ainda de acordo com Bradley, o objetivo de Derrida é mostrar como o próprio logocentrismo se desconstrói, é mostrar como essa estrutura do 'auto', do "próprio", aponta sempre para uma alteridade, para uma impossibilidade de uma identidade pura. Tanto que podemos muito bem enxergar como essa história logocêntrica está sempre se reconstruindo de formas diferentes. Derrida questiona justamente uma visão que afirma uma auto-construção do logocentrismo

- a história oficial que ele se conta sobre o modo como ele é organizado - e mostra como ele pode ser reconstruído de outra maneira (...) sempre será possível escrever a história do logocentrismo de forma diferente porque ele é fundado numa impossibilidade que significa que ele nunca pode se satisfazer em seus apelos pela autenticidade: nenhum texto, autor ou tradição nunca é puramente ou simplesmente logocêntrico.³⁶

Na verdade, o pensamento *logocêntrico*, para Derrida, aparece como uma espécie de desejo metafísico por uma plenitude que nunca se alcança de fato, um desejo por um significado transcendental que venha colocar fim ao jogo infinito

³⁵ BRADLEY, A. *Derrida's of grammatology*. p. 43.

³⁶ BRADLEY, A. *Derrida's of grammatology*. p. 47.

de remetimentos e que garanta uma verdade permanente, estável, auto-idêntica. É por isso que pretender sair da metafísica, para Derrida, afirma o próprio desejo metafísico, pois reflete o desejo pelo estabelecimento de um outro sistema mais verdadeiro. O que Derrida põe em questão não é exatamente o desejo por esse significado transcendental, mas a possibilidade de alcançá-lo, pois sem esse desejo talvez não houvesse pensamento, vontade de ir adiante. Mas encontrar o significado transcendental seria, do mesmo modo, estancar o pensamento, decretar o fim do "jogo". Dessa forma, o que Derrida sugere é pensar diferentemente da lógica metafísica, isto é, perceber e assumir o caráter frágil e provisório do pensamento, desestabilizando, tirando toda certeza de seu centro:

a ênfase do pensamento disseminador, desconstrucionista, de Derrida recai, ao contrário, exatamente sobre o desenlace ou o afrouxamento das amarras de uma condensação momentânea de feixes que se quer passar por uma 'identidade', ou ainda, em outros termos sobre os momentos des-configurantes em que se constitui, de um modo necessariamente precário ainda que quase nunca assumido, uma dada 'configuração'.³⁷

Vimos que no pensamento da metafísica da presença, baseado na crença da existência desse *significado transcendental*, toda relação com o texto, entendido como um tecido de signos, deve prestar contas ao *logos*, isto é, a relação com o texto fica confinada a uma secundariedade em que o *logos* é sempre primeiro. Há uma verdade, um sentido, constituído anteriormente, que tanto a leitura como a escritura devem buscar. E é desse modo que podemos tentar entender ainda mais o que Derrida chama de "o fim do livro e o início da escritura". Segundo o filósofo da desconstrução, o discurso metafísico promove, sobre o conceito de escritura, uma certa divisão definindo o que seria uma "boa escritura" e uma "má escritura". A boa escritura seria aquela que, metaforicamente, Platão denomina, por exemplo, como a "escritura da verdade na alma" ou àquilo que está contido no que a filosofia medieval chama de "livro de Deus" ou "da natureza", estas escrituras nomeadas metaforicamente e vistas como "boas escrituras" são opostas, por esses pensadores, a uma "má escritura", à escritura sensível, à escritura no sentido "próprio". Derrida denuncia aqui que esse tipo de metáfora só serviria para afirmar o privilégio do *logos* e fundar o sentido "próprio" dado à escritura: *significante do significante*, má escritura. A metáfora

³⁷DUQUE-ESTRADA. P.C. *Derrida e a escritura*. p. 17 n. 22.

aqui serve para reafirmar a presença de um *logos* regulador. Mas o paradoxo que Derrida anuncia é que justamente a escritura considerada como natural e universal, a boa escritura, recebe este nome por metáfora, uma metáfora reconhecida e assumida pelos pensadores da metafísica da presença. Mas o que os detentores deste discurso metafísico nunca chegaram a pensar é que o sentido "próprio" da escritura sempre foi a metaforicidade mesma. Por isso, não se trata de determinar uma boa escritura oposta a uma má escritura baseado na diferença entre um sentido próprio e um sentido metafórico, mas de reconhecer em toda escritura, e por isso em toda linguagem, uma condição que é a de só produzir metáforas. Isto é, se todo sentido só é constituído a partir da escritura, se todo sentido depende sempre de uma construção, da mediação de uma linguagem, ele nunca pode, realmente, ser um sentido "próprio", ele é sempre metafórico, derivado.

E é baseado na metáfora que enxerga a "boa escritura" como aquela que está contida no "livro da natureza" ou no "livro de Deus" que Derrida chama a época metafísica, mais do que como a civilização da fala, como a civilização do livro, pois, nesse sentido, o livro é visto como a tentativa de contenção da disseminação da escritura em um volume, como uma unidade completa com um começo, um meio e um fim. A ideia da totalidade do livro mostra o desejo metafísico de colocar um ponto final nas escrituras, de fechar e solucionar as questões. Segundo Jonathan Culler,

os filósofos escrevem mas não acham que a filosofia deveria ser escrita. A filosofia que escrevem tratam a escrita como um modo de expressão que é, na melhor das hipóteses, irrelevante ao pensamento que expressa e, na pior, um obstáculo a esse pensamento. (...) A filosofia caracteristicamente espera solucionar problemas, mostrar como as coisas são ou desembaraçar uma dificuldade, e assim colocar um fim nos escritos sobre um assunto, entendendo-o corretamente (...) na verdade essa esperança de entender corretamente é o que inspira os críticos a escreverem, embora eles saibam ao mesmo tempo que escrever nunca põe fim à escrita. Paradoxalmente, quanto mais vigorosa e autorizada for uma interpretação, mais escritos gera.³⁸

E para completar esta ideia com uma frase de Richard Rorty: "Para Derrida escrever sempre leva a mais escritos, e mais, e mais ainda."³⁹ E é por isso que as ideias do fim do livro e do início da escritura são ditas metaforicamente. O

³⁸ CULLER, J. *Sobre a desconstrução*. p. 104-105.

³⁹ RORTY *apud* CULLER. *Sobre a desconstrução*. p. 104.

fim do livro anunciado pelo filósofo diria respeito ao abalo da crença de uma civilização metafísica na presença de um significado transcendental que regule de fora tudo o que se escreve. E, do mesmo modo, o início da escritura não pode ser entendido como o começo de nada, pois, como já vimos, esta noção de escritura alargada que Derrida nos apresenta sempre existiu. Mas pelo trabalho árduo da regulação de um *logos* operando sobre ela, pelo desejo metafísico da conclusão do pensamento, tornou-se muito difícil assumir seus perigos.

Assim, é de extrema importância entendermos que, para Derrida, há uma grande diferença entre detectar a clausura de uma época e decretar seu fim. Para ele, detectar a clausura da época metafísica não significa sair dessa época. Uma postura identificada, por exemplo, no pensamento de Heidegger que, ao denunciar o esquecimento do ser em toda a história do pensamento ocidental, que ele também nomeia como um pensamento da metafísica, pretende se posicionar fora dela, inaugurando, com a novidade de seu pensamento, uma nova época capaz de pensar o ser autenticamente. Ao herdar de Heidegger uma crítica ao logocentrismo que se confundiria com a determinação do sentido como presença, Derrida não pretende repetir o gesto heideggeriano de ultrapassamento da metafísica.

O fim do livro e o início da escritura, problematizando, então, as noções de fim e de início dão a ver uma nova ideia de escritura que abala as pretensas certezas metafísicas, mexendo com toda a forma 'familiar' de lidar com o texto. O sentido de texto derridiano é muito mais vasto do que aquele entendido como uma unidade formada por uma escrita humana. Nas palavras de Derrida:

o conceito de texto que eu proponho não se limita nem à grafia, nem ao livro, nem mesmo ao discurso, menos ainda à esfera semântica, representativa, simbólica, ideal ou ideológica. O que eu chamo de 'texto' implica todas as estruturas ditas 'reais', 'econômicas', 'históricas', socioinstitucionais, em suma, todos os referenciais possíveis.⁴⁰

O texto derridiano diz respeito, então, ao texto formado pela noção radical de escritura. Uma escritura que reconhece não só a própria fala como uma espécie de escritura, como também tudo o que se chamou até agora de linguagem e, para além dela, tudo o que poderia gerar uma espécie de inscrição e que os limites da

⁴⁰ DERRIDA, J. *Limited Inc.*, p. 203

linguagem não conseguem mais conter:

Já há algum tempo(...) diz-se 'linguagem' por ação, movimento, pensamento, reflexão, consciência, inconsciente, experiência, afetividade etc. Há agora, a tendência a designar por 'escritura' tudo isso e mais alguma coisa: não apenas os gestos físicos da inscrição literal, pictográfica ou ideográfica, mas também a totalidade do que a possibilita; e a seguir, além da face significante, até mesmo a face significada; e, a partir daí tudo o que pode dar lugar a uma inscrição em geral, literal ou não, e mesmo que o que ele distribui no espaço não pertença à ordem da voz: cinematografia, coreografia, sem dúvida, mas também, 'escritura' pictural, musical, escultural, etc.⁴¹

O texto que é, então, produzido pela escritura do *rastro*, se afasta da ideia do livro como a ideia da totalidade do significante, isto é, a ideia de algo que está sempre apontando para fora dele, para a totalidade de um significado que é constituída anteriormente e a que ele deve estar sempre se reportando, que está de fora vigiando sua inscrição. A ideia do livro, desta totalidade "é profundamente estranha à ideia de escritura. É a proteção enciclopédica da teologia e do logocentrismo contra a disrupção da escritura, contra sua energia aforística e, como precisaremos mais adiante, contra a diferença em geral."⁴²

A unidade de significação da escritura derridiana é o *rastro*, o *grama* - ou o grafema - isto é, aquilo mesmo que aponta para a impossibilidade de unidade. E esse elemento não diria respeito apenas ao homem, como se restringiria o conceito tradicional de escritura. A escritura do *grama* ultrapassa o limite antropológico, ela diz respeito a tudo o que possa gerar uma inscrição, uma fixação, uma marca, independente de ser uma criação humana. Por isso, o elemento dessa escritura, o *grama*, o *rastro*, escapa do sistema de oposições da metafísica. Como se verá, ele escapa da questão da presença, ele não é nem presença nem ausência e nos força a pensar de uma forma diferente da lógica da oposição binária metafísica:

A 'racionalidade' - (...) - que comanda a escritura assim ampliada e radicalizada, não é mais nascida de um *logos* e inaugura (...) a desconstrução de todas as significações que brotam da significação de *logos*. Em especial a significação de verdade.⁴³

É assim que podemos entender como a noção de escritura derridiana não se contém nos limites do livro, já que ela rompe com as amarras metafísicas no

⁴¹DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 10-11.

⁴²DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 22.

⁴³DERRIDA, J. *Gramatologia*. p. 13.

reconhecimento da impossibilidade de suas maiores certezas, da instabilidade de suas bases mais firmes, da fuga incontrolável e da irredutível disseminação daquilo que mais se desejaria conter.